



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021  
 DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

**ESCRITA DE MULHERES NO CIRCUITO TRANSANDINO: CAMPO LETRADO E  
 QUESTÕES INTERCULTURAIS EM JUANA MANUELA GORRITI E CLORINDA  
 MATTO DE TURNER**

***ESCRITA DE MUJERES EN EL CIRCUITO TRANSANDINO: CAMPO LETRADO Y  
 CUESTIONES INTERCULTURALES EN JUANA MANUELA GORRITI Y CLORINDA  
 MATTO DE TURNER***

Claudia Luna<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho ressaltamos a importância e a atualidade dos estudos sobre o século XIX, em especial no que tange ao resgate da participação feminina na esfera pública e, em especial, no campo letrado. Examinamos o circuito “transandino” e o trânsito das escritoras entre Buenos Aires, Cusco e Lima, enfocando as obras de Clorinda Matto de Turner e Juana Manuela Gorriti e sua atuação na imprensa da época – em geral ou especificamente feminina. Abordamos seus diálogos com a construção dos imaginários nacionais, no tocante às questões interculturais, e constatamos a presença espectral de Micaela Bastidas e demais índias revoltosas do século XVIII na formulação das propostas da literatura do Indianismo/Indigenismo do século XIX, que faziam parte da tarefa letrada de elaborar projetos de nacionalidade. Como quadro teórico usamos os aportes dos Estudos de Gênero e da Biopolítica, sob perspectiva de(s)colonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa; Relações de gênero; Indianismo; Imaginário social; Modernidade.

**RESUMEN:** En este trabajo destacamos la importancia y actualidad de los estudios sobre el siglo XIX, en especial en lo que concierne al rescate de la participación femenina en la esfera pública, y, en especial, en el campo letrado. Examinamos el circuito “transandino” y el tránsito de las escritoras entre Buenos Aires, Cusco e Lima, enfocando las obras de Clorinda Matto de Turner y Juana Manuela Gorriti y su actuación en la prensa de la época –en general o específicamente femenina. Abordamos sus diálogos con la construcción de los imaginarios nacionales, especialmente sobre las cuestiones interculturales, y constatamos la presencia espectral de Micaela Bastidas y demás indias revoltosas del siglo XVIII en la formulación de propuestas de la literatura del Indianismo/Indigenismo del siglo XIX, que hacían parte de la tarea letrada de plantear proyectos de nacionalidad. Como cuadro teórico utilizamos los aportes de los Estudios de Género y de la Biopolítica, bajo perspectiva De(s)colonial.

**PALABRAS-CLAVE:** Prensa; Relaciones de género; Indianismo; Imaginario social; Modernidad.

<sup>1</sup> Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ. E-mail: [luna400@gmail.com](mailto:luna400@gmail.com) Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8592-6395>.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
 DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

*Todo discurso revela uma forma de pensar a sociedade e uma forma de desejo (utopia). O discurso literário hispano-americano comportou-se desde o século XIX como uma das formas de projetar caminhos de libertação, como condição do exercício da identidade pessoal e coletiva. Tanto as nações como os homens e mulheres da América vivemos estes dois séculos em um longo processo de reconhecimento, autoconhecimento e formação: a literatura é testemunho privilegiado desta aprendizagem.*

(Jozef, 1999, p. 15.)

## 1 Introdução

Este trabalho se vincula aos resultados de projeto de pesquisa integrado a grupo coletivo e internacional, cuja proposta de investigação considera fundamental o resgate da participação feminina na formação dos imaginários nacionais latino-americanos. Concentra-se na atuação feminina na imprensa do século XIX, naquela região que chamamos de “transandina” – ou seja, o conjunto de nações latino-americanas atravessadas pelos Andes –, e na criação de ficções fundacionais, frente aos contextos multiculturais da região e às relações de gênero daí decorrentes. Interessa-nos resgatar e problematizar a atuação feminina nestes contextos, já que vivemos um período de intensa crise civilizatória, donde resulta a necessidade de revisão histórica em termos continentais, incentivada pelas comemorações e eventos relativos aos Bicentenários das Independências na América Latina.

Dentre as reflexões desenvolvidas, encontram-se a revisão dos projetos de construção das nacionalidades, de delimitação de fronteiras reais e simbólicas e o reexame do papel que ali desempenharam seus diferentes agentes, no campo histórico e no literário, rediscutindo-se as práticas da memória oral e escrita sob novas abordagens. A esse respeito, consideramos que merecem reexame as comunidades *inimaginadas* (THURNER, 2006), ou seja, aquelas formações ou projetos de formações territoriais interculturais e transnacionais que desafiaram e seguem desafiando os projetos liberais e seus intentos homogeneizadores e que permanecem mais das vezes no terreno da utopia.

Ao mesmo tempo, faz-se mister problematizar o alcance e a efetividade dos processos políticos emancipatórios, considerando-se antigos e novos projetos coloniais. Neste sentido, a perspectiva de(s)colonial é importante, porque amplia o âmbito de análise, considerando uma perspectiva temporal de longa duração – para utilizar o conceito de Braudel (2016) –, que nos



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

permite, por exemplo, associar as insurreições do século XVIII com as lutas e atuação dos coletivos femininos do século XXI, ou seja, perceber continuidades e descontinuidades nas práticas coletivas e conquistas femininas, que podem iluminar a compreensão do passado e do presente, em especial os fluxos e refluxos dos Feminismos e suas demandas na América Latina.

O texto se constitui de três partes: inicialmente discutiremos a importância do retorno crítico ao século XIX, considerando que nele se dá a emergência de um campo letrado onde se concretiza a prática de uma razão dialógica; em seguida, discutiremos o papel das mulheres na construção do campo das letras especificamente no circuito transandino, com destaque para Juana Manuela Gorriti (Argentina, 1818-1892) e Clorinda Matto de Turner (Peru, 1852-1909); para, finalmente, analisarmos na escrita destas mulheres como se processam os embates interculturais, verificando de que forma se vinculam ou não aos projetos hegemônicos.

Em suma, aqui se delimita um período – o século XIX; uma região – a transandina; um sujeito – a mulher ilustrada; uma temática – as relações interculturais; uma perspectiva teórica – a Biopolítica associada às questões de gênero. Ao mesmo tempo, se propõe uma categorização temporal; se define um campo cultural pela exposição de trocas simbólicas e materiais no cenário transandino, da América interna; tudo balizado por uma perspectiva crítica e de(s)colonial.

## 2 Por que voltar ao século XIX? Campo letrado e razão dialógica

No primeiro capítulo de seu pioneiro *Ficções de Fundação*, Sommer (2004, p. 16) comenta o pretense rechaço dos escritores do *Boom* pela narrativa do século XIX, indagando “o que haveria (...) no tipo programático, notoriamente obsoleto, da ficção latino-americana que assombrava o *Boom*?”, para, a partir daí, elaborar suas hipóteses sobre o caráter “irresistível” dos romances patrióticos, buscando demonstrar que “política e ficção são inextricáveis na história da construção nacional” (ibidem, p. 20). A mesma necessidade de revisar caminhos históricos e reinterpretar imaginários encontramos hoje, no quadro de “comemorações” pelos Bicentenários das Independências das Nações Latino-Americanas, ocorridas em sua grande maioria entre 1808 e 1825, que têm mobilizado importantes grupos de pesquisa latino-americanos.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

Nesse contexto, especialmente, esforços coletivos têm possibilitado reinterpretar os dados do passado a partir da inclusão de novas vozes e novos sujeitos, ampliando o cânone para acolher dentre outras a produção escrita feminina. Isto nos impele à tarefa de revisão historiográfica e de atualização crítica, considerando a produção dos chamados subalternos. Especificamente em nosso caso, a proposta de Scott (1992) de compreender gênero como uma categoria histórica é valiosa e, por sua vez, nos convida a releituras do passado estabelecendo novas perguntas e problemas, demonstrando o caráter necessariamente contínuo dos processos de reescritura da História.

Os aportes da “História Nova”, da qual faz parte a teórica, nos orientam para que não mais se incorra na ideia de uma história narrativa, que na maioria das vezes engendrou as grandes narrativas mestras que “fundaram” simbolicamente as nações, no século XIX, mas que se adentre em um modelo de história problema, que, ao explorar a história a contrapelo, como propõe Walter Benjamin [1940] (1987), possa buscar em suas ausências, seus rastros e vestígios, novas hipóteses para interpretar questões que permaneceram sem resposta. Sob outro ponto de vista, hoje avançam estudos que se propõem a oferecer alternativas à perspectiva ocidental do que seja a própria modernidade, propondo leituras pluricêntricas (Samassékou, 2010), ou seja, que rompam com o eurocentrismo, algumas delas vinculadas a Epistemologias do Sul (Boaventura, 2010; 2019).

O Dezenove é um século onde ocorrem tantas e tão profundas transformações no mundo ocidental que um historiador como Hobsbawm (1977, p. 15) dedicará três tomos de seu projeto editorial a sua interpretação. Significativamente, o primeiro volume se intitula *A era das revoluções: 1789-1848* e se dedica a traçar

a transformação do mundo entre 1789 e 1848 na medida em que essa transformação se deveu ao que aqui chamamos de “dupla revolução”: a Revolução Francesa (...) e a revolução industrial (inglesa) contemporânea. Portanto, não se trata estritamente de um livro de história da Europa, nem tampouco do mundo.

O trabalho de Hobsbawm se vincula ao grupo atuante na *New Left Review*, importante corrente crítica britânica. Refiro-me a Perry Anderson, Fredric Jameson, Raymond Williams e Terry Eagleton, entre outros. Na época substituiu-se uma abordagem ainda vinculada ao historicismo por uma perspectiva crítica e problematizadora, onde se escudrinhou o século XIX



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

mostrando a constituição do sujeito moderno na Inglaterra, frente aos processos de industrialização e construção do campo cultural.

Para a América Latina seria particularmente importante o estudo de Benedict Anderson (2008), publicado em 1983 como *Imagined communities*. Diante de sua repercussão na América Latina, na edição revista publicada no Brasil em 2008 o autor amplia o capítulo dedicado às elites *criollas* latino-americanas e propõe um capítulo complementar. Nesta obra seminal Anderson expõe os traços básicos que gerariam nos indivíduos de uma coletividade a sensação de pertencimento a um grupo comum, na maioria balizados pela homogeneidade de língua, cultura, raça e religião. A noção de comunidade imaginada (de 1983), associada à reflexão de Hobsbawm e Ranger (1997) sobre a invenção das tradições, teria efeito extremamente produtivo para as reflexões produzidas pela intelectualidade latino-americana a partir dos anos oitenta sobre o papel que a produção de símbolos, hinos, poemas e obras artísticas desempenhou para fortalecer a ideia de pertencimento.

O certo é que a historiografia e a crítica literárias têm sido constantes no esforço de rever o século XIX sob uma abordagem que supere a rejeição que a este período foi dedicada pelas gerações vanguardistas, por confundi-lo com as interpretações positivistas que nele foram geradas. Na crítica e na historiografia brasileiras, Cândido (1969) e Schwarz (1988) sem dúvida representam um ponto de inflexão. Sússekind (1990), por sua vez, será responsável pela reflexão sobre a construção concomitante de um sujeito letrado e de uma cartografia brasileira a partir dos relatos de viagem.

Nessa mesma época, dois projetos editoriais marcaram os esforços de unir forças para reavaliar o campo letrado latino-americano, estabelecendo um arquivo *criollo* e propondo novas pautas de análise. O primeiro foi o da Biblioteca Ayacucho, que reuniu gigantes como Antonio Cândido, Ángel Rama e Darcy Ribeiro, num esforço de organização de uma biblioteca de clássicos latino-americanos, em edições críticas, contribuindo para a formação do público leitor. O segundo projeto que nos servirá de norte foi a Coleção *América Latina: palavra, literatura e cultura*, de certo modo complementar à biblioteca.

Pois neste caso se tratou de reunir esforços para reavaliar os estudos literários e culturais, a partir de uma nova (para a época) concepção de “literatura latino-americana”, em que foram



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

discutidos tópicos que concentravam as atenções no período (e que seguem vigentes), como a não linearidade na correspondência entre estilos de época na Europa e na América Latina (as ideias fora do lugar), a não observância de um conceito de literatura vinculado apenas à concepção esteticista que vigorará a partir de fins do século XIX; o reconhecimento da existência e validade de uma pluralidade de vozes e de discursos em pugna, marcados pela heterogeneidade discursiva (Antonio Cornejo Polar), por linhas paralelas entre o discurso monológico – hegemônico e os discursos dialógicos – as vozes dos vencidos; a concepção de Rama sobre a cidade letrada a transculturação narrativa e o papel dos intelectuais latino-americanos, entre outros.

A discussão avança hoje para os processos de modernização e o próprio conceito de modernidade. Interessa-nos repensar as origens e marcos da Modernidade; para isso adotaremos a perspectiva de Berman (1988)<sup>2</sup>, que vincula modernidade a uma etapa histórica, cujo início coincide com o proposto por Dussel (1992), para quem são os eventos relativos ao 1492 que definem o advento desse novo período histórico. Enrique Dussel pertence a um grupo especial de pesquisadores, de todos os quadrantes do globo, que repensam os estudos culturais e literários a partir de nossos referenciais, definindo claramente seu ponto de vista e seu lugar de fala: o Sul.

Tal como Dussel, Quijano (1992), coloca em discussão nosso caráter colonizado, em esferas que ultrapassam os limites políticos e de época, para sinalizar a existência de uma racionalidade colonizada, negando o universalismo proposto pelo ponto de vista europeu, recusando a perspectiva eurocêntrica como a única válida para se observar e interpretar o mundo, o que complementa a noção de imaginação colonizada de que nos fala Gruzinski (2001).

Hoje os paradigmas da modernidade estão sendo postos à prova num mundo que questiona e confronta os princípios civilizatórios. No afã de ressaltar o caráter peculiar de nossa modernidade, surgirão uma série de epítetos, como modernidade periférica (Sarlo, [1998] 2010), modernidade conflitiva (Ortega, 2010), modernidade cruel (Franco, 2016), modernidades alternativas (Souza e Marques, 2009), etc. O certo é que nos encontramos em uma encruzilhada epistemológica, onde se

---

<sup>2</sup> Segundo o autor a Modernidade se dividiria em três etapas: a primeira, nos alvares da Idade Moderna até a Revolução Francesa; a segunda, desta data até a Revolução Russa, e a terceira até nosso presente, em que ele nos acusa de havermos perdido contato com nossa própria modernidade.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

cruzam paradigmas e propostas para este novo milênio. Dentro dessa pauta, se questiona o lugar dos latino-americanos neste novo século, como o fazem Canclini (2000), Quijano (2006) ou Zea (2000).

Atenção especial merece o esforço analítico de Santos (2010), que tem se dedicado à sistematização de um pensamento de(s)colonial, construído a partir dos referenciais do Sul, descentrados e que questionam a epistemologia hegemônica. Se consultamos a Agenda para o Século XXI da ONU, que serviram como referência para políticas públicas de distribuição de recursos e implemento dos processos de internacionalização das universidades brasileiras, verificamos que entre as pautas prioritárias estão o bem viver, a inclusão, a redução das desigualdades, as questões de gênero e pertencimento, entre outras, o que nos dá a certeza de que estamos no caminho certo.

Sob esta perspectiva, a revisão do passado se torna tarefa urgente, como forma de redefinir pautas civilizatórias para o futuro. Nesse sentido, retomar o começo dos Estados Nacionais latino-americanos e seus projetos de nação pode ser tarefa extremamente proveitosa. Afinal, como lembra Rama (1985), o vazio de discurso gerado pela ruína do edifício colonial foi preenchido pelos letrados com leis, proclamas, discursos, documentos, diretrizes, símbolos, narrativas, conformando um imaginário próprio. No entanto, é preciso ir além do cânone e tentar, nesta tarefa, incorporar outras vozes, outros discursos, outros projetos de comunidades inimaginadas. Pois será neste cenário que também se moverão as escritoras ilustradas, desenvolvendo diferentes estratégias para sua sobrevivência e legitimação.

Considerando a existência de um campo letrado transnacional, mais especificamente transandino, por onde circularão mulheres letradas, nos debruçaremos sobre a obra de Juana Manuela Gorriti (Salta – Argentina) e de Clorinda Matto de Turner (Cusco – Peru), duas escritoras andinas representativas do período. As questões que nos movem são: como, no campo letrado, se constroem as estratégias de sororidade que garantem a presença feminina no espaço literário, em especial frente à exigência de crescente profissionalização do escritor? Como se mantém esta sororidade sob perspectiva interseccional (Crenshaw, 1991), na representação das mulheres que estão além do circuito letrado? Trata-se, em última análise, de analisar como se movem frente ao jogo entre a construção de si e a construção do outro; como se reconstroem as relações de alteridade



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

a partir do feminino; como se movem nas margens geográficas, interculturais, de classe e de gênero, nestes “entrelugares” move-diços, produzindo suas escritas de fronteira?

### 3 Mulheres, independências e construção do campo letrado no circuito transandino

Em nosso caso específico, nos deteremos no circuito que se inicia no Pacífico, na costeira Lima, sobe o Altiplano, passando por Cusco e Puno (Peru), desce pelas escarpas andinas para Mendoza (Argentina), cruza os pampas e desagua em Buenos Aires, revelando uma Argentina além da pampa. Na verdade, das oito regiões do país, três se localizam nos Andes. Trata-se da região Noroeste (Puna, Cordilheira Oriental e das Serras Sub andinas); da região de Cuyo (Pré-cordilheira, Cordilheira Frontal, Cordilheira Principal, Andes de Transição e Piedemonte) e, finalmente, da Patagônia andina.

Esta extensão corresponderia principalmente ao lado Sudeste do *Tawantinsuyo*, o antigo Império Inca. O sistema Viário Incaico, também chamado *Qhapaq Ñam*, percorria do sul da Colômbia a Tacna, no Chile, passando por grandes centros, como Lima, Cusco e La Paz. Já no século XVI os conquistadores tentam consolidar uma via de acesso entre as minas de Potosí e o Rio da Prata. Havia um “Caminho Real que conectava Puno com Cusco e Lima”. Salta, a cidade natal de Juana Manuela, “era intersecção de diversos caminhos que a conectavam com o Rio da Prata e a costa do Pacífico”. Jujuy era a última cidade da estrada entre o Rio da Prata, Tucumán e Potosí. Até ali chegavam as carroças carregadas com mercadorias com destino aos mercados do Alto e do Baixo Peru: dali adiante só se podia continuar a viagem em mula e as mercadorias deviam ser postas em fardos para acomodá-las nos lombos de mula ou de burro” (Conti; Sica, 2011, p. 3 - Tradução nossa).

Os quilômetros de caminhos que os *chasquis*, carteiros e sentinelas incaicos percorriam permitiam que todo o Império se mantivesse em contato com a agilidade necessária para garantir a vigilância pelo Poder Central. Explicam Conti & Salta que “A distância entre Lima e Salta, por



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

terra, era de aproximadamente 800 léguas; as mulas levavam dois meses, caminhando dia e noite”<sup>3</sup>. Posteriormente foi criada uma estrada de ferro e, atualmente, modernas autoestradas, que garantem a viagem por terra de Lima a Buenos Aires. Durante a década de 1830, começaram a utilizar o porto boliviano de Cobija e o porto chileno de Valparaíso, para a entrada de mercadorias provenientes do mercado mundial: a substituição do porto de Buenos Aires pelos portos do Pacífico redundou em uma maior demanda de mercadores e transportadores experientes nos cruzamentos através das cordilheiras (Conti; Sica, 2011, p. 9).

Por estes caminhos transitaram também fugitivos, exilados e migrantes, viajantes, expedicionários e *arrieros*, comerciantes que transportavam mercadorias em caravanas de mulas do porto platino para a nobreza andina colonial, tanto de *criollos* como de indígenas e mestiços, o que permitiria o Renascimento Incaico do século XVIII, o fortalecimento do sujeito andino colonial e, inclusive, financiaria algumas revoltas chave, como a de Túpac Amarú, mercador rico, e de Micaela Bastidas, sua esposa. Comentam as autoras que “os contratos de *arrieria* registrados nos protocolos notariais mostram que seus principais beneficiários eram indígenas, especialmente os caciques ou seus familiares, os quais possuíam um número maior de animais e também tinham melhores possibilidade de se relacionarem com *encomenderos* e comerciantes” (ibidem - Tradução nossa).

O Vice-reino do Rio da Prata é criado em 1776, desprendendo-se do Vice-reino do Peru, com objetivo de auxiliar a manutenção do poder colonial na região e frear o afã expansionista português. O primeiro Vice-rei do Prata será Juan José de Vértiz y Salcedo, que viera do México para ser governador de Buenos Aires, ainda durante o vice-reinado do Peru. Dentro do jogo de xadrez da Coroa espanhola, foi uma figura determinante para garantir a participação portenha na repressão ao movimento tupamarista, impedindo que se alastrasse pelas terras argentinas, como podemos ler nos documentos compilados por Pedro de Angelis (1836):

Providencia do excelentíssimo senhor vice-rei don Juan José de Vértiz, através da qual declara José Túpac Amarú ‘rebelde à Majestade e inimigo do Estado’. Propõe cortar o mal pela raiz, “decepano a cabeça do rebelde José”, e para isso coloca à disposição de quem o execute uma grande recompensa e indulto aos seguidores do

<sup>3</sup> “El camino Real conectaba Puno con Cuzco y Lima. La distancia entre Lima y Salta, por tierra, se estimaba en 800 leguas; las mulas empleaban dos meses, arreando día y noche”. “era intersección de diversos caminos que la conectaban con el Río de la Plata y la costa del Pacífico”.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

movimento que o traírem, de forma que “se possa fazer justiça em sua pessoa para o escarmento e exemplo dos demais rebeldes seus sequazes”<sup>4</sup>.

Neste enunciado se pode perceber um claro exemplo do modelo de violência de Estado, de que nos fala Foucault (1987), em que a justiça se faz no corpo do réu, em desagravo à ofensa ao Corpo do Rei, num procedimento que demonstra a fúria vice-reinal em deter o perigo insurrecional.

O circuito transandino permanecerá ativo no século XX, e no período das Vanguardas será rota da intelectualidade entre Puno, Cusco e Buenos Aires, na enunciação de projetos culturais, buscando o protagonismo andino nas relações com a modernidade ocidental. Enfim, sua existência até o presente demonstra que havia condições materiais para um efetivo intercâmbio entre os campos intelectuais e os mercados leitores neste circuito, construído nos séculos anteriores.

Ricardo Rojas, no primeiro volume de *Los gauchescos*, integrante da coleção *La literatura argentina*, comenta que o suposto surgimento da poesia gauchesca, geralmente atribuído a Bartolomé Hidalgo, poderia ter sido também disputado pelo mendoncino Juan Godoy, o que traria às origens pátrias o pertencimento andino (além do tradicional pampeano, oriental). Sobre ele, Rojas comenta que:

Sua pátria foi Mendoza, onde nasceu em 12 de julho de 1793. As províncias de Cuyo acabavam de ser separadas do reino do Chile, para serem unidas ao novíssimo vice-reinado de Buenos Aires, cuja unidade era evidente entre as montanhas e o mar. Do **reino transandino** havia chegado aos povos *cuyanos*, desde suas origens, toda a iniciação de indústrias ou de cultura social. As famílias de uma e de outra vertente da cordilheira estavam vinculadas pelos antepassados coloniais, desde os tempos de Jufre e de Castillo. Com a nova jurisdição “argentina”, Mendoza ficava já politicamente unida ao ainda incerto destino das pampas atlânticas. A longa travessia pelo deserto, que suas carroças rangedoras percorriam com o preguiçoso passo dos bois, a distanciavam muito mais de Buenos Aires, em vez de aproximá-la. (ROJAS, 1924, p. 575).<sup>5</sup> (grifo nosso)

<sup>4</sup> “Providencia del excelentísimo señor virrey don Juan José de Vértiz, a través de la cual declara José Tupac Amaru “rebelde à Majestade e inimigo do Estado”, propõe cortar o mal pela raiz, “segando la cabeza del rebelde José”, e para isso coloca à disposição de quem o execute uma grande recompensa e indulto aos seguidores do movimento que o traírem, de forma que “se pueda hacer justicia en su persona para el escarmiento y ejemplo de los demás rebeldes sus secuases”.

<sup>5</sup> “Su patria fue Mendoza, donde nació el 12 de julio de 1793. Las provincias de Cuyo acababan de ser separadas del reino de Chile, para unir las al novísimo virreinato de Buenos Aires, cuya unidad era evidente entre las montañas y el mar. Del reino transandino había llegado a los pueblos cuyanos, desde sus orígenes, toda iniciación de industrias o de cultura social. Las familias de una y otra vertiente de las cordilleras, hallábanse vinculadas por el abolengo colonial, desde los tiempos de Jufre y de Castillo. Con la nueva jurisdicción ‘argentina’, Mendoza quedaba ya políticamente unida al todavía incierto destino de las pampas



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

O circuito transandino também permitirá a fuga e o exílio dos perseguidos pelo caudilho Juan Manuel de Rosas. Enquanto alguns se exilaram em Montevidéu, como Indarte, Mármol e Echeverría, outros cruzaram os Andes para do Chile combater o tirano, como Godoy, Gutierrez ou Sarmiento.

Dentre estes exilados se encontrava também a família de Juana Manuela Gorriti, que fugiu rumo à Bolívia. Na verdade, neste circuito transandino haverá intenso trânsito de mulheres, peregrinas, viajantes, exiladas, o que impulsiona a produção do gênero dos relatos de viagem, das narrativas de fronteira, de escritas em trânsito, de olhares estrangeiros e de construção de sujeitos migrantes e instáveis, que necessitam ora travestir-se de homens, ora incorporar a todo custo o discurso da mulher celibatária, ocultar a condição de mulher sozinha ou separada, adotar o discurso da educadora. O estado civil e a condição de deslocamento gerarão estratégias de defesa por elas, como a adoção de discursos disciplinadores ou evasivos.

Recentes estudos de gênero têm resgatado e redimensionado o papel das mulheres nos processos de independência e na construção dos imaginários nacionais, confirmando a presença maciça de mulheres nos campos de batalha e outras frentes de luta emancipatórias entre realistas e americanas, pertencentes a distintas raças, etnias e posições sociais, como Manuela Sáenz, Juana Azurduy, Maria Quitéria, Francisca Aziaga, entre tantas outras.

No campo do poder, posso mencionar figuras que atuaram em campos opostos, como a pernambucana Bárbara de Alencar, uma das líderes do Movimento pela Independência frente a Portugal, ainda em 1817, marcando o pioneirismo nordestino na luta pela autonomia. É sugestivo que anos mais tarde, em 1824, novo movimento rebelde, a Confederação do Equador, estabeleça aliança com os independentistas norte-americanos e com os haitianos. Ou seja, outros caminhos de emancipação, para além dos centrais. Por outro lado, movimentos de franco viés *contramoderno* (uso o termo no sentido cunhado por Foucault), Carlota Joaquina, a dona das quatro coroas, buscará reviver a força da antiga União Ibérica, num projeto de poder que abrangeria Península Ibérica e América luso-hispânica, num viés ironicamente oposto ao da Pátria Grande ou do Americanismo dos próceres. Um interesse menor têm recebido as rebeldes indígenas como as Tomasas, Micaelas e

---

atlánticas. La larga travesía por el desierto, que sus carretas rechinantes recorrían al perezoso paso de los bueyes, más bien la alejaban de Buenos Aires, en lugar de acercarla.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
 DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

Cecílias<sup>6</sup>, que sofrerão brutal repressão, serão mortas, escarmentadas. Sobreirão os espectros do horror, que se espalharão pelo século XIX e demandarão uma série de dispositivos regulatórios e disciplinadores.

Gorriti nasce em Salta, na descida argentina da cordilheira. Passa a infância entre as guerras de independência, com o pai, até que precisam se exilar na Bolívia para fugir à perseguição de Rosas. Casa-se com um general boliviano, e após um casamento conturbado, se radica em Lima, com os quatro filhos. Matto de Turner, por sua vez neta de uma saltenha, nasce em Cusco, o umbigo do mundo andino, filha da elite *criolla*, em meados do século, e é a partir desta perspectiva que elaborará seu projeto literário e de nação. Casa-se com um comerciante inglês, e quando enviúva toma a frente dos negócios da família com êxito, enquanto integra círculos letrados em Cusco, inclusive com projetos de promover o quéchua a língua de cultura.

Em Lima se cruza a história de ambas, intermediada por Ricardo Palma, célebre peruano criador do gênero das *Tradiciones* e um dos principais articuladores do projeto de nação peruana. Com justeza, Rotker (2005) aponta o gênero “tradição” como um antecedente da crônica jornalística moderna. Efetivamente as “tradições” são relatos curtos e bem-humorados, em que se estabelece um pacto de leitura e de pertencimento que apresenta ficções com componentes históricos – o que Trouche (2006) caracterizaria como narrativas de extração histórica –, recheadas de antiguidades e dados pitorescos, com ensinamentos morais e críticas ao mesmo tempo amenas e mordazes. O foco central é o período colonial, em especial a Lima *criolla*. Palma produziu cerca de mil tradições, expostas inicialmente em periódicos e compiladas parcialmente em livros.

Ao chegar a Lima, Juana Manuela busca se inserir no circuito letrado e participa do mesmo grupo de boêmios que Ricardo Palma. Ali se inicia uma amizade que se manterá por toda a vida, alimentada por um epistolário que atravessa o circuito Lima - Buenos Aires, cidade onde ela precisa se fixar mais tarde por questões econômicas. Tais cartas foram compiladas e publicadas

<sup>6</sup> A propósito, ver o capítulo “Micaela Bastidas, del silencio a la palabra: autodiscurso y representación”, de Cláudia Luna, publicado no livro organizado por Sara Beatriz Guardia (*Micaela Bastidas*. Lima: Cemhal, 2019), onde se comenta que “ainda se devem resgatar nomes como Micaela Bastidas, Tomasa Tito Condemayta, Bartolina Sisa, e outras mulheres índias, negras ou mestiças que lutaram contra o domínio colonial, no mundo andino do século XVIII. Nesse sentido, a proposta deste trabalho é analisar as formas como Micaela Bastidas se constrói nos textos que enuncia e nos textos ou obras em que é representada”. Tradução nossa.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

recentemente por Graciela Batticuori (2004), precedidas de importante estudo introdutório. Quanto ao *Epistolário* de Palma, localizei apenas o primeiro volume da compilação realizada com cuidado pelos descendentes Augusta Palma e Renée Palma, seguindo os passos de Angélica Palma e publicada em 1949, com prólogo de Raul Porras Barrenechea. Neste, não constava nenhuma carta a Juana Manuela. Aliás, havia somente destinatários masculinos, com exceção de carta enviada a Flora Abasolo, mas a respeito das obras de seu pai Jenaro Abasolo.

Como atesta Palma em *La bohemia de mi tempo* (1899): “A Senhora Gorriti, Llona, Márquez, Lavalle, Cisnero, Paz Soldán e eu somos da antiga boemia, os que ainda lutam na batalha das letras e permanecemos firmes na trincheira, incentivando a juventude a nos substituir, dando-lhe por toda consigna esta palavra: PERSEVERANÇA”<sup>7</sup>. (Tradução nossa)

Clorinda Matto de Turner, por sua vez, bem mais jovem, encontra em Palma um modelo e um incentivador. Ainda em Cusco publicaria uma série de tradições, dedicadas ao contexto andino. Malgrado já se conhecessem de nome, o encontro das duas se dará nos salões da casa de Juana Manuela, em Lima, em uma de suas famosas Reuniões Literárias, que constituíram um marco na literatura e no periodismo peruano, onde Clorinda será homenageada.

O papel das mulheres na imprensa e na guerra de papel nas independências, no Peru, foi marcante; “muitas delas redigiram folhetos de propaganda, cartas, informes e proclamas” (Balta, 1998, p. 22). Suas casas abrigaram reuniões secretas, *logias* e até mesmo imprensas clandestinas, como ocorreu com Petronila Fernández de Paredes. Após a independência, surge o salão literário de Manuela Rábago e Avella Fuertes de Riglos, seguindo o modelo francês (ibidem, p. 34), frequentado por políticos e literatos. Gorriti editou com Carolina Freire de James *El Álbum* (1874), revista feminina dedicada ao belo sexo, e colaborou em *La Alborada* (1874-1875), espaço fundamental de divulgação das *veladas* literárias [festas literárias ou saraus, que aqui traduzo por reuniões, seguindo o dicionário da RAE].

Em 1892 Gorriti publicou uma compilação das Reuniões Literárias de Lima, com carta de apresentação de Palma. Já na primeira reunião, de 19 de julho de 1876, observamos a presença de inúmeras escritoras, como Mercedes Cabello de Carbonera (“Importância da literatura”); Adriana

<sup>7</sup> Señora Gorrití, Llona, Márquez, Lavalle, Cisnero, Paz Soldán, y yo, somos de la antigua bohemia, lo que aun peleamos la batalla de las letras y permanecemos firmes en la brecha, alentando a la juventud llamada a relevarnos, y dándola por toda consigna la palabra: PERSEVERENCIA (PALMA, 1899).



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

Buendia, Mercedes Belzú de Dourado e um discurso sobre “A educação social da mulher”, proferido por Abel Delgado.

Em seu discurso Mercedes Cabello conclama: “Cultivem as letras como um precioso tesouro que enriquecerá nosso país e que legaremos às gerações futuras (...) já que nossos pais nos deram uma pátria fundada em sábias leis políticas e administrativas, temos o dever de enriquecê-la, cultivando com dedicação e abnegação as ciências e as belas artes”. (GORRITI, 1892, p. 10). Além de espaço privilegiado para reunir artistas e intelectuais, as reuniões literárias propiciarão espaço para apresentação de reflexões diretamente vinculadas ao jornal *El Perú Ilustrado*, em Lima.

Destacáremos alguns trabalhos sugestivos reunidos no livro de Gorriti (1892): na segunda reunião (26/7/1876) José Arnaldo Marquez discute a condição das mulheres e das crianças nos Estados Unidos, comentando a existência de leis que protegem as mulheres de assédio em transportes, hotéis e no ambiente de trabalho. Na velada quarta, Mercedes Elespuru y Lazo discorre sobre a instrução da mulher, e propõe a formação de uma biblioteca para o “belo sexo”; já na sexta velada, Mercedes Cabello de Carbonera apresenta um “Estudo comparativo da inteligência e da beleza da mulher”, afirmando que enquanto “uma beleza sem inteligência é uma ilusão que está muito próxima do desengano”, “uma inteligência sem beleza”, por sua vez, representa um “rico tesouro oculto” (1892, p. 210).<sup>1</sup> Na velada de 30 de agosto, Palma lerá o texto de Teresa Gonzalez de Fanny sobre o trabalho para a mulher. Em seis de setembro (oitava velada), Alamos González disserta sobre “O ensino superior da mulher” (1892, p. 346).

Tal como Palma, Manuela Gorriti é uma aglutinadora por natureza, além de ser excelente estrategista, no que concerne à divulgação de sua obra e à manutenção de sua fama. É interessante ler nas cartas entre os dois a discussão sobre os acertos e erros de autoras contemporâneas, em especial Clorinda Matto e Mercedes Cabello. Gorriti as considera suas pupilas. Em carta de 1º de dezembro de 1886, Gorriti comenta que “Recebi as novas tradições de Clorinda, e com o livro, as notícias da ida desta a Arequipa; regresso que muito desaprovei. Na vida, como no combate, a retirada é fatal. Avante! Ainda que seja para o abismo” (Batticuori, 2004, p. 31)<sup>8</sup>. Um ano depois, em 16 de agosto de 1887, comenta que “Acabo de receber neste momento o romance premiado de

<sup>8</sup> “Recibí las nuevas tradiciones de Clorinda, y con el libro, la noticia de ésta a Arequipa; regreso que mucho he desaprobado. En la vida como en el combate, la retirada es fatal. ¡Adelante! Aunque sea al abismo”.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

Carbonera e começo a lê-lo”<sup>9</sup>. E prossegue: “Estou muito contente que ela e Clorinda estejam, agora, muito unidas. Desejo que em meu regresso a Lima, que creio será em breve, possa me encontrar com as duas tão queridas amigas”. (ibidem, p. 38)<sup>10</sup>. Em 4 de fevereiro de 1889 comentará o livro de Mercedes Cabello (ibidem, p. 56):

Tenho em meu poder há algumas horas o romance de Mercedes: *Blanca Sol*. Cá entre nós, começa com uma inconveniência sobre a educação que Lima dá às mulheres. Que falta de tino! Ainda não acabei de ler o primeiro capítulo, veremos. Não me canso de ensinar a elas que o mal não deve ser pintado com lodo, mas com névoas. O lodo fede, e ofende, tanto ao que o manuseia como a quem o percebe. Além disso, se criam inimigos: se são incômodos para um homem, são mortais para uma mulher.

Quanto à participação feminina no campo letrado argentino, exalta a obra de Eduarda Mansilla, embora a critique por seu caráter e atitudes. No entanto a considera a maior escritora de sua geração, como comenta em carta de 23 de agosto de 1888:

Morreu Josefina Pelliza, a autora de *Pasionarias*. Com ela e com a ausência de Eduarda (...) acabaram as *literatas bonairenses*. As outras que cultivavam as letras as abandonaram, como as parisienses, em prol das frivolidades do luxo. Fizeram bem, porque todas diziam disparates. Em Buenos Aires houve e só haverá uma: Eduarda Mansilla. (ibidem, p. 49). Tradução nossa.<sup>11</sup>

Clorinda traça trajetória semelhante. A acolhida calorosa que recebeu nas Reuniões Literárias de Gorriti certamente facilitou seu trânsito no espaço letrado de Lima. Pouco tempo depois será nomeada diretora de *El Perú Ilustrado*; anos mais tarde se engajará na luta política dirigindo o diário *Los Andes*, no qual defendeu ideias anticlericais e os direitos indígenas, o que lhe valeria a excomunhão. Vai então para o Chile e cruza o circuito transandino de trem, para se fixar em Buenos

<sup>9</sup> “Acabo de recibir en este momento la novela premiada de Mercedes Carbonera, y comienzo a leerla

<sup>10</sup> Muy contenta estoy que ella y Clorinda estén, ahora, muy unidas. Deseo que a mi regreso a Lima, que creo será pronto, encontrarme entre estas dos ¡tan queridas amigas! Tanto que a una de ellas la llamo hija, esa dulce concordancia que harán [sic] de nosotras un trio de amor.”

<sup>11</sup> “Murió Josefina Pelliza, la autora de *Pasionarias*. Con ella y la ausencia de Eduarda (...) se acabaron las literatas bonaerenses. Las otras que cultivaban las letras, las han abandonado, como las parisinas, por las frivolidades del lujo. Han hecho bien porque todas eran Aires disparateras. En Buenos sólo ha habido y sólo habrá una: Eduarda Mansilla”.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

Aires, cumprindo ali seu exílio, onde atua como professora e diretora do jornal *El Búcaro*. Lá, por seu turno, realizará também Reuniões Literárias.

Anos depois, em uma série de conferências que pronuncia em Madrid, onde se celebra uma união Ibero-americana, a autora pontua que “me toca, esquecendo a falsa modéstia, a glória de ser a primeira de meu sexo que veio cruzando os mares para iniciar a corrente de aproximação entre as mulheres do Velho e do Novo Continente e estreitar em abraço fraternal a escritoras e jornalistas”.<sup>12</sup> Desta forma, prossegue (Matto de Turner, 1909, p. 46-47):

Minha primeira conferência a consagro ao Peru, minha pátria; a segunda à República Argentina, países unidos pela mesma origem de conquista, tradição, interesses comerciais e lealdade, que conservam a hegemonia sonhada por Bolívar e San Martin).<sup>13</sup>

Em 1902, Clorinda publica o livro *Boreales, miniaturas y porcelanas*, no qual descreve sua função (1902, p. 8):

Hoje entrego à imprensa, recolhendo em um volume as folhas que derramei quase diariamente na labuta jornalística, umas, que são fruto do trabalho paciente na observação e na história; outras, como um molho de páginas espalhadas pelo vento forte nas horas sem descanso de viajante, de proscrita, de operária nas fábricas dos grandes povoados, onde se deve ganhar o pão a preço de ouro.

Na relação entre ambas se podem perceber influências, não só na temática, pois compartilhavam um universo de temas e questões comuns à época, mas na construção da carreira, na organização de tertúlias e na direção de jornais, considerando-se que a imprensa era vista como instrumento de civilização<sup>14</sup>. Fazem parte do processo de profissionalização do escritor e da

<sup>12</sup>“me toca, apartándome de falsa modestia, la gloria de ser la primera de mi sexo que ha venido cruzando los mares a iniciar la corriente de acercamiento entre las mujeres del Viejo y Nuevo Continente y estrechar en fraternal abrazo a escritores y periodistas”.

<sup>13</sup> “Mi primera conferencia la consagro al Perú, mi patria; la segunda a la República Argentina, países unidos por el mismo origen de conquista, tradición, intereses comerciales y lealtad, que conservan la hegemonía soñada por Bolívar y San Martin”.

<sup>14</sup> Para uma análise detalhada sobre as *veladas*, remeto ao trabalho de Evelyn Sotomayor Martínez, que, orientada por Francesca Denegri, defendeu em 2013 sua dissertação em que compara as reuniões literárias promovidas por ambas as autoras. Em 2017 publicou o livro *Pensar lo público. Las veladas literarias de Clorinda Matto en la Lima de la posguerra (1887 - 1891)*, pela editora da Biblioteca Nacional do Peru.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

elaboração de novos gêneros discursivos, já que tanto as tradições como os relatos breves que traçavam atendiam à possibilidade de leitura rápida pelo leitor urbano moderno.

Luna (2012) comenta que:

As obras de Juana Manuela Gorriti também poderiam figurar neste quadro [das obras híbridas do século XIX}. Além de experimentar vários gêneros – romances, contos, autobiografias, relatos de viagem, memórias –, ao mesmo tempo desafiou as fronteiras de cada um deles, produzindo textos como *Panoramas de la vida* o *Lo íntimo* que talvez possam ser classificados como ‘miscelâneas’, sob uma perspectiva tradicional, mas que para o leitor do século XXI se revelam como narrativas precursoras, que prefiguram estratégias narrativas típicas dos grandes ficcionistas do século XX, ao mesmo tempo que desafiam as fronteiras entre literatura e história, da mesma forma como Echeverría e Mármol anteciparam traços do Naturalismo, em *El Matadero* y *Amalia*, respectivamente, e fizeram uso irônico do “passado” como forma de crítica ao presente opressor de Rosas, que os obrigaria ao exílio. Em fins do século, Gorriti publicará *La tierra natal*, relato de viagem de caráter peculiar, pois narra seu regresso a Salta, sua província natal. (Tradução nossa)

Quanto à imprensa, é importante destacar o esforço na construção de um leitor moderno, onde o ato de leitura segue um ritmo sincrônico, ou seja: “O jornal, fazendo dos textos que ele publica uma série, confina os leitores a uma mesma temporalidade, a do calendário das publicações”, ou seja, “no jornal, nasce uma literatura que o leitor não apenas lê: ele segue” (Caparelli *apud* Granja, 2015, p. 109). Ambas as autoras compartilham estratégias de construção do público leitor, garantindo sua adequação ao feminino, dentro das pautas da época. Disso dão conta os muitos prólogos e resenhas, que atestam que se trata de jornais e livros para a família.

Essas novas práticas de leitura contribuem para a formação de uma opinião pública, revelando novas formas de sociabilidade que alimentarão a esfera pública política, já que, segundo Chartier (2009, p. 50), esta “derivava diretamente da esfera literária pública e estava baseada nos salões e cafés e numa literatura de periódicos”.

Chartier (2009) comenta ainda que “para Kant, apenas a comunicação escrita, que permite intercâmbio na ausência do autor e cria uma área autônoma para debate de ideias, é admissível como uma figura para o universal” (ibidem, p. 57). Curiosamente, na América Latina do século XIX se reproduzem práticas da vida intelectual correspondentes àquelas da Alemanha no século anterior, quando estavam espalhados pelo país os letrados, o que exigia que os intercâmbios culturais se dessem através de correspondência, circulação de manuscritos e livros. Nesse sentido,



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

considero que as trocas de missivas e textos no circuito transandino foram fundamentais para a construção de um campo letrado transnacional ao sul do continente.

Além da circulação de ideias, há a circulação desses corpos de mulheres, embaixadoras de seus países, dinamizadoras do espaço letrado, que atravessam fronteiras e criam alianças, levantam bandeiras e afirmam suas vozes no mundo, onde os vínculos de amizade tomam figuração diplomática. Em suma, tanto Juana Manuela como Clorinda Matto administram de forma inteligente sua vida profissional, tanto como educadoras como na qualidade de periodistas e escritoras. Do contato com Palma creio que aprendem a lição da construção de uma literatura de consumo massivo. Algumas das práticas são as referências elogiosas que trocam mutuamente na imprensa, a divulgação de obras entre si, a adoção de gêneros literários cuja difusão em periódicos permitia tanto a ampla divulgação como a formação de um público leitor, que se mantinha disciplinado segundo o ritmo sequencial e periódico dos jornais.

São jornalistas que manejam os vários gêneros discursivos dos jornais da época, desde editoriais, pequenas notícias, comentários e quadros. Portanto, o veículo lhes determina as escolhas, da mesma forma que o gosto do público lhes encaminhará os temas e estilo. Exemplo disso é o fato de que Gorriti, em hábil traquejo com o mercado tem um de seus livros publicados com patrocínio de uma empresa de energia, que se transforma em “personagem” salvador na obra. Estes livros seriam oferecidos como brinde de final do ano a investidores da companhia.

Ao contrário de figuras nostálgicas do modelo de escritor “palaciano”, do qual é célebre o modernista Rubén Darío, as duas, como muitas outras, aproveitam a brecha que lhes é aberta por este veículo ainda de circulação não tão consagrada. Da mesma forma, o epistolário funcionou como espaço privilegiado para a construção de um *ethos* de escritora, digna, séria, compenetrada, preocupada com os interesses da pátria e os valores dominantes, inseridas que estavam ambas em seu tempo e com ele comprometidas, cada uma a sua maneira, como veremos a seguir, no último tópico deste trabalho.

### **3 Escrita de mulheres e embates interculturais (comunidades inimaginadas)**

Voltando a Hobsbawm, visto sob perspectiva de(s)colonial, acrescentaríamos ao processo de dupla revolução que o inglês menciona, a Francesa e a industrial inglesa, também os processos de



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

rebelião indígena e de cunho emancipatório que ocorreram na América do Norte, do Sul e no Caribe. Especificamente no eixo transandino, assiste-se no fim do século XVIII à maior rebelião do período colonial, que une milhares de pessoas, entre índios, mestiços, negros e zambos, liderados pelo casal que simbolicamente retoma a força do casal fundador do Incanato, Mama Oclla – Manco Capac, revividos no par Micaela Bastidas – Túpac Amarú (Flores Galindo, 2005). A magnitude do processo, que cresceu no caldo de cultura gerado pelo Renascimento Incaico do século XVIII, só teria paralelo com a independência haitiana. Em pauta estava tanto um processo de emancipação como a realização de projetos de comunidades descolonizadas (Luna, 2018).

Do episódio, destacaríamos a potência e abrangência do movimento; a reação proporcionalmente violenta e exemplar por parte da Coroa Espanhola, que gerará repressão ampla e potente, derrotará o movimento e se preocupará em desestimular outras revoltas. Para isso se servirá de recursos como a morte em praça pública, a tortura, o esquartejamento, a distribuição do corpo pelas estradas, em suma, todos os estágios de um escarmento; e finalmente a estratégia subsequente de censura, de apagamento e contra-ataque simbólico. Este se dará a partir precisamente através da construção de uma representação de selvageria e perigo associada aos revoltosos, que ecoará no imaginário do século dezanove, na associação dos povos indígenas a bárbaros e selvagens, o que pode ser produtivo para reler a produção letrada do período sob outra perspectiva.

Foucault (1987) nos ajuda a entender o processo a partir de seu exame da violência de Estado. Como parte da estratégia do Estado na repressão ao movimento, há um silenciamento geral das vozes sobre o índio, correspondentes ao projeto de desaparecimento das comunidades e do próprio índio, convertido em cidadão peruano, com a independência. Há censura a livros, a roupas, a formas de vestir, ao idioma, enfim, um apagamento deliberado de todo e qualquer rastro. Para Montiel (2015, p. 32) nestes movimentos estaria a semente da Modernidade. Segundo ele:

A luta contra a escravidão e as práticas coloniais de servidão foram a agenda esperada, pendente, dos povos de América, que chegou tarde e mal. (...) Mas a América não foi “receptionar” ideias e conceitos para formular seus próprios projetos. Já vimos como o fato americano, a “alteridade” americana, foi uma referência para o surgimento das ideias da modernidade.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> “La lucha contra la esclavitud y las prácticas coloniales de servidumbre fueron la agenda esperada, pendiente, de los pueblos de América, que llegó tarde y mal. (...) Pero América no salió a ‘receptionar’ ideas y conceptos para formular sus propios proyectos. Ya vimos cómo el hecho americano, la alteridad americana, fue una referencia para el surgimiento de las ideas de modernidad”.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

Sob esta perspectiva, podemos analisar o período subsequente, das independências e construção dos imaginários nacionais, como de uma reação das elites no esforço de disciplinar classes e raças perigosas, a partir do projeto-chave de homogeneização, ao mesmo que de construção de fronteiras nacionais que desconsideraram fronteiras culturais e repartiram nações originárias, retirando direitos garantidos pela Coroa espanhola aos povos indígenas e planificando a todos sob o rótulo de cidadãos.

Quanto às mulheres, que antes pegaram em armas e enfrentaram trincheiras, serão alvo de um processo domesticador em que lhes será atribuído o papel de mães da pátria. Num embate entre narrativas e sujeitos com poucas vozes dissidentes, os discursos transitarão no espectro de algumas consignas, como civilização e barbárie, atraso e modernidade, que funcionam como pautas excludentes de outras perspectivas de observar a história. Modernização a toda prova, apagamento de rastros, de populações inteiras, políticas de branqueamento e ocidentalização, práticas higienistas, padrões comportamentais, enfim, uma sociedade altamente disciplinadora, ou, na terminologia de González Stephan (1999), atravessada por cartografias disciplinares.

Proponho agora o exercício de pensar as relações inter-raciais e de classe em obras das duas autoras, tomando para exame a circulação e a recriação de um mito de largo alcance, ou seja, considerando como se apropriam e recriam a lenda do “tesouro dos incas”, revelando suas perspectivas sobre as relações interculturais e de gênero; da mesma forma, como isso se manifesta nas escolhas formais e estilísticas de cada uma delas. Trata-se de “La Quena”, de Gorriti, e de *Hima-sumac*, de Matto de Turner.

Sobre o *leitmotiv* do “tesouro dos incas” – mito colonial e pós-colonial – considero que dá sequência à linhagem das utopias medievais da Cocanha e do Eldorado, entre outras. Linda o fabuloso; remete a lendas antiquíssimas de tesouros que animavam viajantes e navegadores, desde a construção da novela no mundo ocidental pelos gregos, unindo o visto e imaginado, composto sempre pelos elementos chave do botim de ouro e de mulheres. Seu florescimento na Europa dos séculos XVIII e XIX pode ter sido gerado pela divulgação das obras do Renascimento Andino do século XVIII, como o drama *Ollantay*, ou das reedições das obras de Garcilaso de La Vega, Inca, lidas pela elite cusquenha e levadas para a Europa pelos jesuítas. Ao serem expulsos da América



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

pela política pombalina, muitos jesuítas seguem para Itália onde implementam um movimento de oposição ao projeto colonial espanhol que estaria na raiz do Americanismo e do apoio europeu à emancipação americana.

Em “La Quena”, relato de Gorriti publicado em *Sueños y Realidades* (1865) constatamos a adoção de um modelo caro ao Romantismo, qual seja, o romance gótico. Embora pudesse ser caracterizado como uma novela, ou seja, um texto mais vasto que um conto mas menos desenvolvido que um romance, nele reconhecemos vários dos recursos do conto fantástico que Poe desenvolvia e que explicitou no texto clássico “A Filosofia da Composição” [1846] (1997). Ainda que não possamos comprovar que Gorriti foi leitora do autor norte-americano, o fato é que sua obra foi traduzida amplamente em muitos países, e, especificamente na América Latina, no México e no Brasil<sup>16</sup>, ou seja, circularam edições de suas obras em espanhol e em português. Considerando que uma resenha sobre o autor foi publicada no jornal *El instructor peruano*, em 28 de agosto de 1827, e que Gorriti era leitura assídua das colunas literárias e culturais de seu tempo, não seria impossível que tivesse conhecimento da obra do autor.

No texto, em primeiro plano, temos a história de amor da *criolla* Rosa e do mestiço Hernán, descendente dos incas, e o triângulo amoroso com o desapiedado Ramírez. Desde o começo do texto, se antecipa seu tético final pela presença constante de um léxico vinculado ao lúgubre, à morte, à escuridão e à noite. Da mesma forma, à ambiguidade entre vida e morte, às máscaras, em especial a escolha do tema referente à morte de uma bela e jovem mulher, amada pelo artista; ou o motivo das partes do corpo e o contraste entre o branco e o negro, que já contavam em “O corvo”.

Em dimensão intradieética, a história da mãe de Hernán e de sua traição a seu povo, justificada pelo amor materno. Afinal, Hernán era fruto da união entre uma inca e um espanhol, que lhe rapta o filho e leva para a Espanha. Desesperada, ela lança mão do “tesouro dos incas”, de cujo segredo era guardiã, e cruza o oceano para ver pela última vez o filho. Também o amor de mãe justificará a traição que a escrava Francisca perpetrará contra Rosa, no primeiro nível dieético, e

<sup>16</sup> A esse respeito, consultar **Translated Poe**, livro editado por Emron Esplin and Margarida Vale de Gato – Maryland: Lehigh University Press, 2014. Nele se menciona que Poe foi traduzido e publicado em diversos países da América Latina, além de outros continentes.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

que provocará a separação do casal de apaixonados. Ela pensa que ele está morto; ele pensa que ela o traiu, e se torna sacerdote. Quando se reencontram, em pleno ato da missa, ela já está casada.

Para garantir a separação, Ramírez arquiteta o plano de fazê-la se passar por morta, graças a uma bebida que lhe fornece um judeu, e, assim, ela é encerrada nas catacumbas da catedral de Lima. No entanto, Hernán rapta o suposto cadáver e o leva para as montanhas, onde os perseguirá o marido. A cena final é digna de um texto de Poe: o jovem amante aos pés do cadáver embalsamado da amada, tocando uma *quena* (tipo de flauta quéchua de bambu) esculpida com o fêmur da morta.

Gorriti dominava como poucos a arte de provocar terror e estupefação: muitos de seus relatos têm essa dimensão aterrorizante como uma mestra do suspense, que deveria criar no leitor romântico assombro e grande expectativa. Em seu relato, os subterrâneos de Cusco são o espaço ideal para guardar intocado o tesouro dos incas, até o momento em que possa ser usado. Quanto aos amores interétnicos são todos infelizes. O discurso elíptico de Gorriti torna muitas vezes a leitura do texto um exercício de adivinhação pelo leitor. Com efeito, ela é fiel a sua poética das névoas e subentendidos, insinuações e veladuras. Inclusive pelo recurso do *mise en abyme*, narrativas dentro de narrativas, narrativas em espelho. O saldo final é um extremo desencanto, cenários sepulcrais, ruínas e escombros físicos, como os sonhos despedaçados dos personagens.

Segundo Luna (2012, p. 4):

Sem lodo mas com névoas. A estratégia da recordação envolta em brumas do passado e de crítica velada do presente é utilizada para recordar fatos da história pátria, o ‘terror’ das lutas sangrentas entre unitários e federais, mas de uma forma modalizada. (...) Sangue e morte a penetram profundamente; na história nacional o extermínio e a violência se fazem presentes, oficial ou disfarçadamente. (Tradução nossa).

No esgarçamento e fragmentação de seus textos, percebemos uma crítica velada e sutil, um olhar irônico para a história pátria que dá conta da violência como um aspecto estrutural das sociedades latino-americanas, das chacinas, mortandades, práticas de tortura, o que levou Franco (2016), a considerar a nossa uma *modernidade cruel*. A fragmentação da obra de Gorriti daria conta dessa dificuldade de construir um projeto “linear” de nação, quando afloram os estilhaços de tantos gritos, guerras e sangue. O recurso ao fantástico permitiria associar pesadelos, espectros e miragens,



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

construindo uma atmosfera de horror e de sombras, nuances e veladuras que mais insinua que conta.

A esse respeito, Luna considera que

Finalmente, como testemunho da História nacional, abdica do caráter legitimador que essa condição lhe outorgaria, optando por um discurso cuja ironia é muito sugestiva. Pois Gorriti revisita o passado argentino, desconstruindo alguns de seus signos mais caros à literatura das gerações liberal-ocidentalizantes. Em sua obra, antinomias como as existentes entre civilização e barbárie ou natureza e cultura, o conflito entre ‘cristãos’ e ‘infiéis’ são recolocados na relação amorosa entre a cativa e o índio, propondo outra perspectiva sobre a história nacional, sob o signo da ambiguidade (Tradução nossa).

O tema do tesouro dos incas também será visitado por Clorinda Matto de Turner, dessa vez no teatro. A peça *Hima-sumac* estreou no Teatro de Arequipa, em outubro de 1884, e foi representada no Olimpo de Lima, em 27 de abril de 1888. O texto, por sua vez, foi publicado no jornal limenho *El Perú Ilustrado*, de 31 de março a 23 de agosto de 1890. Em algumas edições a peça recebeu o subtítulo de O tesouro dos incas. Nesta obra a protagonista responde pelo mesmo nome da homônima Hima-sumac do drama cusquenho *Ollantay*, mas enquanto neste último a princesa menina é exemplo de bravura e sagacidade; a personagem de Clorinda é uma jovem que trai o noivo, um guerreiro índio intitulado Túpac Amarú, pelo amor de um jovem espanhol, Gonzalo de Espinar, que a seduz para se apoderar da fortuna de seu povo, de que ela deveria ser guardiã. Em Clorinda, a personagem reduplica a vergonha da mãe de Garcilaso Inca e a traição do “malinchismo” e favorece os conquistadores. Morre, ao final, como forma de expiar sua culpa e traição, não como uma heroína.

Na esteira do já citado estudo de Sommer, inúmeros trabalhos têm se debruçado sobre as relações entre as obras literárias e suas configurações imaginárias e metafóricas sobre a organização das nações pós-independências. Matto de Turner é associada geralmente a Palma ou a González Prada, escritor de perfil mais anarquista. No entanto, creio que propõe um terceiro caminho. Além de valorizar o dado andino e defender a revalorização do idioma quéchua, reclamando a autoridade de sua raiz cusquenha, propõe a defesa da mulher indígena pelas ilustradas limenhas desde que submissa a seus papéis tradicionais, ou seja, mantém uma proposta “maternalista”. Nesse sentido, suas *Tradiciones Cuzqueñas* indicam uma tentativa de reivindicar a centralidade andina como formadora da nacionalidade peruana em pé de igualdade com Lima. Contrapõem-se a Cidade dos Reis e a Cidade Imperial.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

No entanto estas tradições mantêm o modelo palmeano, destacando a sociedade colonial desde o poder, de seus dirigentes e membros da elite *criolla*. As poucas figuras indígenas presentes são secundárias, subalternas, e em alguns momentos ali se anuncia sua futura denúncia dos maus tratos que desenvolverá na tríade romanesca *Aves Sin Nido, Índole e Herencia*, dando início ao chamado Indigenismo. Em seus textos se desconhecem totalmente os conflitos interétnicos, a existência de elites indígenas ou mestiças ou levantamentos e revoltas coloniais. Nesse sentido, talvez se possa relacionar Gorriti e Matto de Turner e a duas vertentes: uma que enuncia e traduz o horror e o conflito; a outra que, confiante no papel da educação, aposta em uma solução ilustrada e conciliadora (claro, sob os termos da elite liberal, em que às índias e mestiças caberá a subalternidade). Clorinda trabalha com algumas matrizes e busca, dentro delas, apontar seu ponto de vista, como representante de um setor da burguesia andina.

Podemos associar, ainda, o projeto de Matto de Turner a uma estética realista, tributária das grandes narrativas da nação. Já Gorriti seria adepta de uma estética de corte, em que os silêncios são significativos. Em seus textos, o horror aflora em rostos desfigurados, em chamas bruxuleantes, aves agourentas, terras destruídas. Comparar Gorriti e Matto de Turner nos dá conta de distintos modelos e da construção variada de perfis femininos. Em Gorriti temos uma sucessão de Marias e Franciscas, mulheres viajantes e peregrinas. Em Clorinda, uma clara oposição entre as ilustradas limenhas e as índias desamparadas. De toda forma, nas obras em questão, percebe-se a busca de saídas para a questão: desde o feminino, como negociar com o campo letrado do século XIX, e ao mesmo tempo propor alternativas para as relações interculturais?

Se associamos os *leitmotifs* oriundos da lenda do tesouro dos incas a outro mito da sociedade andina, o mito do Inkarrí (Inca Rei), ambos relatos imaginários, se percebe mais claramente a “guerra de imaginários” e formas de reinterpretação da realidade e dos sucessos históricos que percorreu o século XIX.

Flores Galindo (1999) fala da invisibilidade das comunidades indígenas no século XIX. Para ele “os conflitos étnicos produziram uma sociedade colonial fragmentada, em que acaba sendo muito difícil articular interesses e produzir um projeto coletivo”, o que levaria à necessidade do surgimento de caudilhos e líderes messiânicos. Em outro trecho do livro ele explica que



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

por trás das rebeliões indígenas deve-se admitir a presença de uma vontade e de uma consciência camponesa. Por detrás encontramos sempre uma instituição: a comunidade indígena. Depois de uma história clandestina ao longo do século XIX, voltaram a emergir na vida política do país quando, em 1924, Leguía lhes devolveu o reconhecimento que lhes havia sido negado antes pela República”. (1999, p. 46-50. (Tradução nossa)<sup>17</sup>

Ainda hoje o mito do tesouro dos incas povoa o imaginário cinematográfico e da cultura de massas – vide “O templo do sol”, uma das aventuras do personagem Tintin publicadas nos anos quarenta nas populares revistas de mesmo nome; ou as cinematografias hollywoodianas de Indiana Jones e outros. O Tesouro dos Incas poderia ser um sucedâneo do Mito da Cativa, a quem certa ocasião a Iglesia (1987) alcunhou como mito branco da conquista, de ampla fortuna. Encarado sob esta perspectiva se torna significativa sua vigência, considerando que se considero que atua como um estratégico contraponto com um outro mito, talvez não tão difundido, mas profundamente entranhado no imaginário andino, anticolonial: o mito do Inkarrí, que atravessa o período colonial e se mantém vivo até hoje.

O mito do Inkarrí<sup>18</sup>, ou do Inca Rei, por sua vez, pertence ao domínio do interdito. Subterrâneo e subversivo, recria o horror e expõe as feridas abertas de que nos fala Moraña (2014). Reza a lenda que o corpo do Inca Atahualpa esquartejado em Cajamarca pelos conquistadores se move, no subsolo, nos desvios e nas quebradas, até que um dia se una à cabeça, para, então, ressurgir dos mortos e recuperar a glória perdida. Nos meandros do inconsciente ou no “complexo cultural”, para utilizar a terminologia dos junguianos, atua como um mito de “contraconquista” e resistência. Recria o trágico desencontro de Cajamarca e o choque brutal de imaginários. Segue como uma ameaça, para uns, ou uma promessa, para outros, de uma outra modernidade, cuja centralidade escapa à lógica ocidental, mergulhando no umbigo do mundo e propondo outras comunidades possíveis.

<sup>17</sup> Hay que admitir la presencia de una voluntad y de una consciencia campesina. Detrás encontramos casi siempre a una institución: la comunidad indígena. Después de una historia clandestina a lo largo del siglo XIX, volvieron a emerger en la vida política del país cuando en 1924 Leguía les devolvió el reconocimiento que se les había negado antes por la República”. (Flores Galindo, 1999, p. 50)

<sup>18</sup> A esse respeito, ver Pease, F. G. Y. Las versiones del mito de Inkarrí. **Revista de la Universidad Católica**. N. 2, 31/12/1977, Lima.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
 DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

Ante tal perspectiva, a estratégia de Matto de Turner é apagar definitivamente todo e qualquer rastro das mulheres revoltosas. A própria Micaela Bastidas tem seu papel reduzido a uma chorosa esposa de Túpac Amarú, em uma das raras tradições cusquenhas em que apresenta a rebelião tupamarista, ou seja, na tradição “Una sentinela de acero”. Pelo contrário, constrói a figura da índia frágil, que necessita ser tutelada, apresentando um modelo que acredita no potencial emancipador da educação. Evidentemente é necessário avaliar a obra de Matto de Turner dentro desse contexto de refluxo dos movimentos sociais e de predomínio do modelo republicano sob ótica ocidental e burguesa.

Sob este prisma constato que paradoxalmente o início do Indigenismo se funda sobre o sufocamento do protagonismo indígena, algo que só será retomado em fins do século XX e inícios deste milênio. Agora, significativamente, Bastidas ressurgiu como figura de proa, reivindicada por coletivos de mulheres, que assumem novamente protagonismo nas lutas por seus direitos, unidas sob a consigna “Somos todas Micaela”, que se espalham pelas redes e nos movimentos sociais.

Como Luna (2018) pondera,

A obra de Clorinda Matto de Turner (...) nos dá conta das contradições e limites de sua época, de um momento de intenso refluxo nas lutas dos subalternos, um momento em que se afirmaram modelos republicanos baseados na ordem ocidental e nos valores burgueses, num imaginário homogeneizador e mascarador de conflitos. Neste cenário, portanto, é sempre importante valorizar a tenacidade e alcance do trabalho que a autora desenvolveu no campo letrado transandino, no século XIX e começo do século XX, considerando suas escolhas.

Hoje assistimos a um processo de recuperação da voz pelas populações indígenas, o chamado protagonismo indígena, que coexiste com o modelo dos testemunhos mediados. Ao mesmo tempo, se estudam as *indigeneidades* contemporâneas, analisando em conjunto os povos originários, ao redor do globo, em suas lutas e processos de resistência ante tentativas imperiais.

Quanto a Gorriti, atua nos interstícios, mostrando as feridas abertas e o horror, através de discursos distópicos, que questionam o modelo de nação hegemônico, a modernidade e a civilização, reescrevendo a história latino-americana através de um labirinto de relatos e ecos que cruzam os Pampas e os Andes. Para ela, a pátria é o local de origem e pertencimento de cada um, independente das fronteiras, é o retorno à casa de origem, a terra natal.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

#### 4 Considerações finais

Neste breve trabalho verificamos a renovação nos estudos críticos referentes ao século XIX e comprovamos a existência de um circuito transandino. Analisamos as estratégias de legitimação e sobrevivência de duas escritoras no campo letrado, representantes máximas das letras de seus países no século XIX. Discutimos a forma como retrataram as relações de gênero em contextos multiculturais, uma questão crucial para o surgimento da América mestiça e um dado central para a discussão sobre nossa identidade. Comprovamos que, sob uma perspectiva de(s)colonial, é possível reinterpretar os dados históricos e as formulações imaginárias sob outras perspectivas, onde história e literatura se unem num processo de reconhecimento, autoconhecimento e formação, como nos alertava Jozef, na epígrafe deste trabalho.

#### 5 Referências bibliográficas

- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. / Tradução de Denise Bottman/. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARCE, Elizabeth Kuon et alli. **Cuzco-Buenos Aires**. Ruta de intelectualidad americana (1900-1950). Lima: Universidad de San Martin de Porres, 2009.
- BATTICUORE, G. **Cincuenta y tres cartas inéditas a Ricardo Palma. Fragmentos de Lo íntimo. Buenos Aires – Lima, 18812-1891**). Lima: Universidad de San Martín de Porres, 2004.
- BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de História. In: ---. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. /Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet/. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BRAUDEL, F. **O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II**. 2 v. São Paulo: EDUSP, 2016.
- CÂNDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1969.
- CHARTIER, R. **Origens culturais da Revolução Francesa**. /Tradução de George Schlesinger/. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CANCLINI, G. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity and violence against women of color. **Stanford Law Review**. vol. 43:1241, jul. 1991.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

DE ANGELIS, P. **Documentos para la historia de la sublevación de José Gabriel de Túpac-Amarú, cacique de la provincia de Tinta, en el Perú**. Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1836. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br>>. Acesso em out. 2019.

(<<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/relacion-historica-de-los-sucesos-de-la-rebelion-de-jose-tupac-amaru>>).

Dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>>. Acesso em out. 2019.

DUSSEL, E. 1492. Diversas posiciones ideológicas. In: BONASSO, Miguel et alii. **La interminable conquista. 1492-1992**. Buenos Aires: Ediciones AYLLU – Movimiento Argentino de Emancipación e Identidad de América Latina, 1992. p. 11-29.

EAGLETON, T; BEAUMONT, M. **A tarefa do crítico**. Diálogos com Terry Eagleton. /Tradução de Matheus Corrêa/. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1983. (Literatura Ensino Superior).

FLORES GALINDO, A. **La tradición autoritaria**. Violencia y democracia en el Perú. Lima: APRODEH; SUR; 1999.

----- **Buscando un inca. Identidad y utopía en los Andes**. Obras completas. Tomo III (I). Lima: SUR, 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão /tradução de Raquel Ramallete/. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, J. **Una modernidad cruel**. / Tradução de Victor Altamirano/. México, FCE, 2016. (Sección de Obras de Sociología).

GONZÁLEZ STEPHAN, B. **La historiografía literaria del Liberalismo hispanoamericano del siglo XIX**. La Habana: Casa de las Américas, 1987. (Premio Casa de Las Américas 1987, Ensayo).

----- **Cuerpos de la Nación: Cartografías disciplinarias**. *Anales*, n. 2, 1999, p. 71-106 (Ejemplar dedicado a: Ciudadanía y nación).

GORRITI, J. M. **Sueños y realidades**. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1863. Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/Suenos\\_y\\_realidades...](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/Suenos_y_realidades...)>. Acesso em out. 2019.

----- **Veladas Literarias de Lima**. Buenos Aires: Imprenta Europa, 1892. Disponível em: <<https://archive.org/details/veladasliteraria00gorr/page/n23>>. Acesso em out. 2019.

----- **Panoramas de la vida: colección de novelas, fantasías, leyendas y descripciones americanas**. Tomo I. Disponível em:



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

<http://www.cervantesvirtual.com/obra/panoramas-de-la-vida-coleccion-de-novelas-fantasias-leyendas-y-descripciones-americanas-tomo-ii--0/>. Acesso em out. 2019.

GRANJA, L.; ANDRIES, L, (organizadoras). **Literaturas e escritas da imprensa**: Brasil / França, século XIX. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

HOBBSAWM, E. J. **A Era das Revoluções**. 1789-1848. /Tradução de M<sup>a</sup> Tereza L. Teixeira & Marcos Penchel/. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

------. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Programa, mito e realidade. /Tradução de M<sup>a</sup> Celia Paoli & Anna Maria Quirino/. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. 2. ed. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico, 55).

IGLESIA, C; SCHVARTZMAN, J. **Cautivas y misioneros**: mitos blancos de la Conquista. Buenos Aires: Catálogos Ed., 1987.

IGLESIA, C., (compilación). **El ajuar de la patria**. Ensayos críticos sobre Juana Manuela Gorriti. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1993.

------. (compilación y prólogo). **Letras y divisas**. Ensayos sobre Literatura e Rosismo. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1998.

JOZEF, B. **Diálogos oblíquos**. 34 escritores falam de literatura latino-americana. Entrevistas a Bella Jozef. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999.

LUNA, C. **Representações do índio e imaginários nacionais**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

------. Entre espectros y visiones: memoria e identidad en los escritos de Juana Manuela Gorriti. In: GUARDIA, Sara Beatriz, (organizadora). **Escritoras del siglo XIX en América Latina**. 1ed. Lima: CEMHAL, 2012, v. 1, p. 165-174.

------. Apontamentos sobre um certo perfil de mulher indígena em Clorinda Matto de Turner. **Contexto** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Vitória (UFES), v. 3, p. 60-78, 2018.

------. Heterogeneidad discursiva y cuestiones de género en la historiografía literaria. In: **I Congreso Internacional de teoría, crítica e historias literarias latinoamericanas**. Celebrando la contribución de Antonio Cornejo Polar, 2018, Lima. Actas del I Congreso Internacional de Teoría, Crítica e Historias literarias latinoamericanas. Celebrando la contribución de Antonio Cornejo Polar. Lima: CELACP/ Latinoamericana Editoras, 2018. v. 1. p. 99-108.

------. Entre a voz e a letra. Tensões interculturais nos discursos e testemunhos de e sobre Micaela Bastidas. In: **Congreso Internacional Las Mujeres en la Formación de los Estados Nacionales**, 2018, Lima. Las mujeres en la formación de los Estados nacionales. Lima: CEMHAL, 2018. pp. 20-28.



ISSN: 1981-0601




---

 Recibido em: 18-11-2020    Aprobado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

MATTO DE TURNER, C. **Tradiciones cuzqueñas**. Lima: Editorial Mantaro, 2001.

----- **Boreales, miniaturas y porcelanas**. Buenos Aires: Imprenta de A. Alsina, 1902.  
<https://archive.org/stream/borealesminiatur00matt?ref=ol#page/8/mode/2up>

----- **Aves sin nido** /Prólogo de Esther Castañeda Vielakamen/. Lima: Editorial Mantaro, 1995.

----- **Hima-Súmac**. Drama en tres actos y en prosa. Lima: Servicio de publicaciones del Teatro Universitario de San Marcos, 1959. Mimeo. (Serie III, n. 1. Piezas de autores peruanos).

----- **Hima-Súmac o el Tesoro de los Incas**. Biblioteca Digital Universal. Disponible em:  
 <[documentop.com\\_hima-sumac-biblioteca-virtual-universal\\_598825441723ddb404629ad0.pdf](http://documentop.com_hima-sumac-biblioteca-virtual-universal_598825441723ddb404629ad0.pdf)>.  
 Acceso em out. 2019.

----- **Tradiciones cuzqueñas**. Lima: Editorial Mantaro, 2001. Disponible em:  
 <<https://archive.org/stream/cuatroconferenci00matt?ref=ol#page/n3/mode/2up>>. Acceso em  
 out.2019.

----- **Cuatro conferencias sobre América del Sur**. Buenos Aires: Imprenta de Juan A. Alsina, 1909.

MONTIEL, E. **El poder ciudadano**. Rumbo al bicentenario. Nuevas clases medias y economía creadora reinventan el Perú. Lima: Ed. UNMSM; Ornitorrinco, 2015.

MORAÑA, M.; OLIVERA-WILLIAMS, (editores). **El salto de Minerva**. Intelectuales, género y Estado en América Latina. (Madrid: Iberoamericana, Vervuet, 2005. (Colección Nexos y diferencias, n. 14).

MORAÑA, M. **Churata postcolonial**. Lima: Latinoamericana Editores, 2015.

MORAÑA, M.; SANCHEZ PRADO, I, (editores). **Heridas abiertas**. Biopolítica y representación en América Latina. Madrid: Iberoamericana / Vervuet, 2014. (*ebook*)

ORTEGA, J. **El sujeto dialógico**. Negociaciones de la modernidad conflictiva. México: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey; Fondo de Cultura Económica, 2010.

PALMA, R. **Epistolario**. Tomo I. Lima: Ed. Cultura Antártica, 1949.

----- **Recuerdos de España: precedidos de La Bohemia de mi tempo**. Lima: Imprenta La Industria, 1899. Disponible em: <<http://hdl.handle.net/10017/9324>>. Acceso em out. 2019.

----- **Tradiciones peruanas**. edición crítica. /Coordinadores Julio Ortega & Flor María Rodríguez-arenas/. Madrid: ALLCA XX, 1997. (Colección Archivos, 1ª reimp.:23).

PEASE, F. G. Y. Las versiones del mito de Inkarrí. **Revista de la Universidad Católica**. Lima, n. 2, diciembre 1977. p. 25-41.

PELUFFO, A. **Lágrimas andinas**: sentimentalismo, género y virtud republicana en Clorinda Matto de Turner. Pittsburgh, PA: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana – Universidad de Pittsburg, 2005. (Serie Nuevo Siglo).



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 10-12-2020 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

PIZARRO, A. (organizadora). **América Latina**. Palavra, literatura e cultura. 3 volumes. São Paulo: Memorial; Editora da UNICAMP, 1993-4.

POE, E. **Ficção completa, poesia e ensaios**. / Organizados, traduzidos e anotados por Oscar Mendes com a colaboração de Milton Amado/. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1997.

QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad/ Racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, 13 (29): 11-20, 1992.

-----.. “Os fantasmas da América Latina In: NOVAES, Adauto, (org.). e *Oito visões da América Latina* (São Paulo: SENAC, 2006

RAMA, A. **A cidade das letras**. /Tradução de Emir Sader/. São Paulo: Brasiliense, 1985.

-----.. Regiões, culturas e literaturas. In: ---. **Literatura e cultura na América Latina**. /Organização de Flávio Aguiar & Sandra G. T. Vasconcelos/. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 281-336. (Ensaio latino-americanos, 6).

RAMOS, J. **Desencuentros de la Modernidad en América Latina. Literatura y política en el siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

ROJAS, R. **La literatura argentina** (ensayo filosófico sobre la evolución de la cultura en el Plata). Tomo IX. Los Gauchescos, II. 2. ed., Buenos Aires: Librería La Facultad, 1924.

ROTKER, S. **Fundación de una escritura**: las crónicas de José Martí. La Habana: Casa de las Américas, 1992. (Premio Ensayo Casa de las Américas 1991).

-----.. **La invención de la crónica**. México: FCE, Fundación para un Nuevo Periodismo Iberoamericano, 2005.

SAMASSÉKOU, A. De L'Eurocentrisme à une vision polycentrique du Monde : plaidoyer pour un changement de paradigme. **Diogène**. Revue Trimestrielle. Paris: Presses Universitaires de France, 229-230, janvier-avril, 2010. pp. 214-230.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P., (organizadores). **Epistemologias do Sul**. 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B. **O fim do império cognitivo**. A afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SARLO, B. **Modernidade periférica**. Buenos Aires. 1920 e 1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010. (Coleção Prosa do Observatório).

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.

SCOTT, J. W. História das mulheres. In: BURKE, Peter, (organizador). **A escrita da história**. Novas Perspectivas. São Paulo: EdUNESP, 1992.



ISSN: 1981-0601



Recebido em: 18-11-2020    Aprovado em: 10-12-2020    Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5089>

-----.. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul/dez. 2005, pp. 71-99.

SOMMER, D. **Ficções de fundação**. Os romances nacionais da América Latina. / tradução Gláucia Renata Gonçalves & Eliana Lourenço de Lima Reis/. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. (Humanitas).

SOMOS TODAS MICAELA. <https://sites.google.com/site/todas-somos-micaela>. Acesso em out. 2019.

SOUZA, E. M.; MARQUES, R. (organizadores). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui**. O narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TROUCHE, A. **América: História e ficção**. Niterói: EdUFF, 2006.

TURNER, Mark. **Republicanos andinos**. /traducción de Javier Flores Espinoza/. Lima: IEP; CBC, 2006. (Estudios Históricos, 43).

ZEA, L. **Fin de Milenio**. Emergencia de los marginados. México: FCE, 2000.